Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades, Brasília, n. 7, p. 316-323, Ano 2018. ISSN 1982-8640.

O mapa para a figuração da história portuguesa: *O bobo*, de Alexandre Herculano, como romance histórico

Marcos Vinicius Caetano da Silva (UnB)*[1]

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o mapeamento social e político medieval em cujas dimensões se originou o Estado português no romance histórico *O bobo*, de Alexandre Herculano. Considerando o modelo scottiano, destaca-se a modernidade da ideia de nacionalidade nascente em período romântico. Além disso, a obra do escocês Walter Scott tem grande relevância para a formulação da teoria do romance histórico, de onde há de vir a base para a análise do romance de Herculano. A disputa pelo domínio de Portugal a partir do trono espanhol, em meio à paixão de D. Tereza, torna a pesquisa histórica realizada pelo autor português essencial para o desvelamento das tensões e dos discursos expressos na obra.
Palavras-chave: *O bobo*; Alexandre Herculano; Romance histórico; Portugal; história.

Abstract: This paper aims to analyse the medieval social and political arregement whose dimensions originated the portugese state in historical novel *O bobo*, wrote by Alexandre Herculano. Considering Scott's model, it's emphasised the modern idea of rising nacionality of romantic period. Beyond that, the *ouvre* of scottish author Walter Scott has great relevance for the elaboration of historical novel theory, that offers grounding to analyse of Herculano's novel. The struggle for Portugal's domain stem from Spanish throne plus D. Tereza's love makes Herculano's historical research essencial to unveil tensions and discourses expressed in his work.
Keywords: *O bobo*; Alexandre Herculano; Historical novel; Portugal; History.

Introdução

A diferença entre o historiador e o poeta, presente na *Poética* de Aristóteles é dado de suma importância para a compreensão das relações entre a história e a literatura. Entre o registro do passado e a possibilidade do que poderia ter acontecido, a forma literária estabelece uma relação política e influente nos termos de uma estética realista. Por isso, a recuperação de dados da vida corrente e sua organização no gênero do romance possibilita,

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (POSLIT/UnB). Possui interesse nos temas relativos à crítica literária dialética, ao pós-colonialismo e às literaturas de língua oficial portuguesa. É membro dos grupos de pesquisa "Literatura e modernidade periférica" e "Mayombe: literatura, história e sociedade", ambos atuantes na UnB.

assim, uma função discursiva da história em forma literária. Uma tentativa de unidade é o que procurou o escritor português Alexandre Herculano. Em sua obra *O bobo* (1843) é capaz de revelar o seguinte:

> Hoje é fácil iludirmo-nos, crendo ver nas revoluções e lutas do Ocidente da Península no decurso dos séculos VIII a XII a anarquia feudal, confundindo esta com a anarquia aristocrática. Não era a jerarquia constituindo uma espécie de famílias militares, de clãs ou tribos artificiais, cujos membros estavam ligados por mútuos direitos e deveres, determinados por um certo modo de fruição de domínio territorial, em que se achava incorporada a soberania com exclusão do poder público. Em vez disto, era o individualismo rebelando-se contra esse poder, contra a unidade, contra o direito. Quando as mãos que retinham o ceptro eram frouxas ou inabilmente violentas, as perturbações tornavam-se não só possíveis, mas, até, fáceis. A febre da anarquia podia ser ardente: o que não havia era a anarquia crónica, a anarquia organizada (HERCULANO, 2005, p. 64).

A possibilidade de movimento das estruturas sociais e históricas de um passado medieval é comparada com a possibilidade disponível no tempo de Herculano, em que a reorganização do estado português era dado premente para a reavaliação das estruturas do estado, de caráter público.

Dessa maneira, pretende-se aqui uma análise do romance histórico *O bobo*, de sorte a considerar os dados históricos envolvidos na composição da obra, tanto os figurados como os circundantes ao tempo de sua produção. Em seguida, assumir-se-ão os aspectos ideológicos e formais que envolvem a obra de Herculano e sua relação com a forma do romance histórico, cuja orientação teórica é de matriz lukácsiana. Depois disso, com base no contexto possível para a época, explorar-se-ão os personagens que dão contornos sociais à história portuguesa figurada pelo autor português e a maneira com que o discurso histórico dá dimensão total à obra.

1. Pressupostos históricos

A vinda dos borgonheses D. Raimundo e D. Henrique, segundo a historiadora portuguesa Maria Cândida Proença, viria "a desempenhar um papel decisivo na formação de Portugal" (2015, p. 162). Ambos foram designados pelo rei de Leão, Afonso VI, que viera a falecer em 1109, dois anos após D. Raimundo. Com isso,

> D. Henrique teve várias intervenções decisivas nas lutas que opuseram D. Urraca, viúva de Raimundo, ao seu segundo

> marido, Afonso I de Aragão, em virtude dos problemas da sucessão ao trono de Leão.
>
> No período de lutas constantes que se seguiu à morte de Afonso VI, D. Henrique foi tomando partido por diversos campos, com a intenção de ir mantendo uma liberdade de ação que lhe abrisse caminho para a autonomia (PROENÇA, 2015, p. 164).

A morte de D. Henrique deu lugar ao reinado da viúva D. Tereza, que ficou responsável por intervir "nas lutas pela posse da Galiza e de Leão" (PROENÇA, 2015, p. 165). O filho de D. Urraca e Afonso Raimundes foi coroado, pela linhagem real de Leão e Castela, como rei. Após batalha no cerco de Guimarães, sede do reino Portucalense, Afonso Henriques prometera vassalagem ao então rei de Leão e Castela.

> A ação política de D. Teresa desagradava cada vez mais aos nobres portucalenses, que achavam que ela estava sob influência de Fernão Peres de Trava, membro de uma importante família galega, que, desde há anos, vinha desempenhando funções importantes no Condado Portucalense.
>
> Entretanto, Afonso Henriques, que atingira a idade de governar e já fora armado cavaleiro, podia assumir o governo do Condado Portucalense. Porém, D. Teresa, em vez de passar o governo ao filho, continuou a mesma política. Um grupo de nobres portucalenses reuniu-se então à volta de Afonso Henriques, incitando-o a exigir o governo. Como não foi possível o acordo entre os partidários do jovem infante e os de sua mãe, a situação acabou por evoluir para a confrontação violenta entre ambos os campos.
>
> As tropas de Afonso Henriques e as de Fernão Peres de Trava defrontaram-se na batalha de São Mamede, próximo de Guimarães, em 1128. D. Teresa e Fernão Peres de Trava foram derrotados, pelo que tiveram que fugir para a Galiza (PROENÇA, 2015, p. 167).

A coroação do príncipe Afonso Henriques se mostra o início da luta pela independência de Portugal em relação à Espanha. Escrito em 1843, 715 anos depois, *O bobo* reconta a formação da monarquia absolutista portuguesa em contraste a sua iminente queda após a Revolução Francesa. Depois da guerra civil (1828-1834), o regime liberal foi estabelecido e o estado português passou por um processo de reorganização permeado de instabilidade política. Isso, é claro, também registrou-se em forma literária.

2. A organização da história a partir do romance

De posição liberal-burguesa, o romancista português Alexandre Herculano é conhecido por formular os primeiros passos do romance, principalmente no que tange a sua vertente histórica (ABDALA JR.;

PASCHOALIN, 1982, p. 86). Herculano (2005) começa o romance *O bobo* de modo a expor o processo de independência de Portugal em suas características particulares, permeadas de resistências "individuais, desconexas, e por isso sem resultados definitivos, efeito natural de instituições públicas viciosas e incompletas" (p. 61). Falta à autonomia um caráter fortemente social. Herculano justifica:

> Tais eram os caracteres proeminentes da vida externa da monarquia neogótica. A sua vida social interna; as relações públicas entre os indivíduos e entre estes e o Estado tinham sobretudo uma feição bem distinta. Era a larga distância que separava das classes altivas, dominadoras, que fruíam, as classes, em parte e até certo ponto servas, e em parte livres, que trabalhavam. A aristocracia compunha-se da nobreza de linhagem e da jerarquia sacerdotal, a espada e o livro, a força do coração e braço, e a superioridade relativa da inteligência (2005, p. 62).

Os personagens elencados no romance podem apresentar melhor essa divisão. Sabe-se que Gonçalo Mendes, o lidador, era um burguês que tornou possível o apoio ao infante Afonso Henriques. Ainda, o Frei Hilarião, que raramente era visto na ausência do lidador. A religião e as ideias burguesas, então, são importantes para pensar a constituição social de Portugal. Ainda, a aristocracia, cujos laços se revelam fio condutor das complexidades históricas da nação portuguesa em sua formação até o tempo de escrita do romance. Alexandre Herculano afirma que

> o único poder que assegurava a unidade política era o poder do rei. [...] Entretanto à autoridade central faltava um arrimo sólido a que se encostasse; faltava-lhe uma classe média, numerosam rica, inteligente, émula do clero pela sua cultura. Essa classe, como já advertimos, ainda simples embrião, só no século XIII começou a ser uma fraca entidade política, aliás rapidamente desenvolvida e avigorada (2005, p. 63).

Em outras palavras, faltava protagonismo histórico a Portugal. O enlance entre Egas Muniz e Dulce, protegida de D. Teresa, confirma, ao final da obra, as preferências românticas da ética em vigor ao tempo de Herculano. Nas palavras do filósofo húngaro György Lukács (2011),

> A relação do escritor com a história não tem nada de especial ou isolado; trata-se de um componente importante da relação com o conjunto da realidade e, em particular, da sociedade. Se analisarmos todos os problemas que, no romance e no drama, resultam da relação do escritor com a realidade histórica, não encontraremos um único problema que seja próprio apenas da história. Isso não significa, é claro, que a relação com a história possa ser equiparada simples e mecanicamente à relação com

> a sociedade contemporânea. Ao contrário, há uma interação muito complicada entre a relação do escritor com o presente e sua relação com a história. Mas uma investigação teórica e histórica mais detalhada desse contexto mostra que, nessa interação, a relação do escritor com os problemas da sociedade de seu tempo é decisiva (p. 208).

A confluência do romance com a história, portanto, é característica do gênero, que encontra nas suas motivações modernas a possibilidade de registro dos impasses do seu tempo. Essas são as motivações de Herculano enquanto defensor da pátria lusa, figuradas no romance em seu caráter ideológico sem deixar de registrar o confronto familiar pelo poder da nação (século XIX), que ocorre paralelo aos embates que caracterizara o processo emancipatório figurado (século XII). Portanto, o romance histórico *O bobo* pode ser percebido, a partir do raciocínio de Lukács, como uma grande pré-história do presente (2011, p. 73) sem grandes intenções de fuga da realidade, tal como a tendência romântica parece sugerir.

A discrepância entre os diferentes graus de desenvolvimento numa mesma sociedade tornam relevantes "o conteúdo social, os pressupostos históricos e as circunstâncias de luta" (LUKÁCS, 2011, p. 39), conectados com a totalidade da vida e a formação das nações a partir da vida interior do povo. A apropriação do sentimento nacional torna a reconfiguração social essencial à figuração do movimento histórico, cujos problemas no desenvolvimento econômico, delineiam os contornos da realidade histórica figurada, de maneira a "apreender de modo racional e científico a especificidade histórica e a gênese do presente" (LUKÁCS, 2011, p. 43).

O caráter pós-revolucionário inglês destacou a obra de Scott por ele ter introduzido uma nova relação entre a épica e o romance com base nos costumes e circunstâncias passados, sem excluir o aspecto dramático da ação. A tentativa de encontrar um caminho mediano entre os extremos de luta permitem maior apreensão da totalidade figurada, o que também elege os processos de marginalização, a partir das raízes populares, como uma elevação da situação sócio histórica do presente. O herói mediano, portanto, é particular por apresentar os graus críticos da transição da história, enquanto que os personagens históricos se limitam à deriva do protagonismo.

3. Um centro inesperado

O teórico russo Mikhail Bakhtin (1990) veio a sustentar que o romance, em sua relação com os elementos e as crises histórico-sociais, permitia o cruzamento entre várias línguas e discursos. Essa intersecção permite ao discurso literário a abertura às várias vozes oriundas da língua e opinião comuns (BAKHTIN, 2015). O caráter duplo do discurso acaba por ocorrer quando o horizonte subjetivo das personagens ou da opinião pública se cruza com o discurso do outro, o que caracteriza o chamado heterodiscurso do romance. Sua penetração nas camadas mais profundas do discurso ideológico, devido à linguagem corrente (EAGLETON, 1996) própria ao discurso literário, culmina na denúncia da diferenciação entre grupos. Isso é dado premente de *O bobo*.

Em meio ao triângulo amoroso entre Garcia Bermudes, Dulce e Egas Muniz, as tentativas de invasão ao cerco de Guimarães e a relação de D. Teresa e o conde de Trava (Fernão Peres), um personagem percebera a essência da nacionalidade portuguesa enquanto sentimento. A queda da moral do Estado durante o século XVI, entretanto, é comparada à barbárie antes das instituições democráticas, uma forma de também apresentar o truão como elemento de grande importância na obra que leva a sua designação social como título.

> Mas no meio do silêncio tremendo de padecer incrível e de sofrimento forçado, um homem havia que, leve como a própria cabeça, livre como a própria língua, podia descer e subir a íngreme e longa escada do privilégio, soltar em todos os degraus dela uma voz de repreensão, punir todos os crimes com uma injúria amarga, e patentear desonras de poderosos, vingando assim, muitas vezes sem o saber, males e opressões de humildes. Este homem era o truão. O truão foi uma entidade misteriosa da Idade Média. Hoje a sua significação social é desprezível e impalpável; mas então era um espelho que reflectia, cruelmente sincero, as feições hediondas da sociedade de sordenada e incompleta. O bobo, que habitava nos paços dos reis e dos barões, desempenhava um terrível ministério. Era ao mesmo tempo juiz e algoz; mas julgando, sem processo, no seu foro íntimo, e pregando, não o corpo, mas o espírito do criminoso no potro imaterial do vilipêndio (HERCULANO, 2005, p. 78).

A apresentação dos demais personagens e seus problemas, que ganham maior destaque, levam o Bobo à posição periférica da narrativa, e o próprio narrador tem consciência de tal: “O monge, o cavaleiro e todos os habitantes dos paços de Guimarães haviam-se completa e profundamente esquecido do truão, como porventura terá acontecido a mais de um dos nossos

leitores" (HERCULANO, 2005, p. 190). Essa posição periférica é melhor descrita pelo narrador da seguinte maneira:

> Ao retirar-se a rainha, o bobo se aproveitara do tumulto dos cavaleiros que saíam, para renovar uma das suas usuais habilidades, com o intento de observar até o fim o que se passava. Os sergentes e pajens apressavam-se a lançar mão dos restos do banquete, e por entre eles Dom Bibas pôde sumir-se debaixo dos ricos panos, que, segundo o costume do tempo, cobriam, até rojar pelo chão, aquela vasta mesa. Alí, ora escutando, ora coando pela memória um a um os açoutes que recebera e as chufas e apupos dos cavalariços e servos, ele despertava na própria fantasia um tropel de vinganças imaginárias, a qual delas mais absurda e inexequível. O louco por arte desde que deixara de rir tocava quase as raias da verdadeira loucura.
>
> Daquele esconderijo o bobo ouvira perfeitamente o que se passara entre o conde de Trava, o alferes-mor e o filho de Veremundo Peres. As revelações deste, as ameaças do conde, e a comissão misteriosa de que Garcia Bermudes encarregara o pajem, nada escapou a Dom Bibas (HERCULANO, 2005, p. 195-196).

O caráter popular de Dom Bibas tem lugar aos saraus da época, que "contribui para que o narrador possa movimentar as suas personagens, nem sempre estruturamente medievais, num ambiente que, pelo menos, exteriormente, obriga a uma localização temporal afastada do tempo de enunciação" (MARINHO, 1999, p. 58). A pesquisadora portuguesa Maria de Fátima Marinho (1999) afirma que "D. Bibas tem uma importante função, sendo, por assim dizer, o motor que faz resolver o conflito, de acordo com os interesses nacionalistas de D. Afonso Henriques" (p. 63).

Lukács (2011) aponta que "No conjunto da obra de Scott, encontramos cenas e personagens admiráveis que retratam a vida dos servos e dos camponeses livres, os destinos dos excluídos da sociedade, dos traficantes, dos ladrões, dos soldados, dos desertores etc." (p. 76). Esse caráter popular na obra do escocês Walter Scott liga-se à necessidade da decadência da sociedade gentílica de maneira objetiva. D. Bibas aí assume um caráter totalizador de uma história permeada pelos conflitos familiares de uma dinastia que veio a reger Portugal e a adquirir caráter simbiótico com a Espanha. Não só foi capaz de abraçar a totalidade da obra, como também, devido ao seu caráter popular, tomou o sentido histórico e a tomada de partido essenciais para o desenrolar dos conflitos relativos ao cerco de Guimarães e logo após retornou à cotidianidade. A percepção de um elemento popular atuante, mesmo que

mínimo, é essencial para a compreensão das transformações históricas. No caso de Portugal, o povo se tornou suporte indispensável a esses elementos que constituem a nacionalidade e aos principais momentos de sua união e atuação.

Considerações finais

As grandes crises históricas realçam as posições políticas relacionadas com a vida nacional, que repercute em seus aspectos mais particulares. O reconhecimento disso salienta a posição do homem diante da vida e do cotidiano de maneira autêntica e humanizadora por meio do romance histórico.

A dimensão popular, apesar do título da obra e da posição de D. Bibas na obra *O bobo*, foi um aspecto formal relevante na composição do romance histórico. No entanto, assumindo-se a composição da forma clássica do romance histórico, avalia-se que, apesar do retorno do personagem à cotidianidade, não houve transformação de maneira total das estruturas sociais. Se a burguesia é tomada como embrião da moderna classe média e revolucionária, a permanência de D. Bibas e de uma dinastia de bobos na corte demonstra que o personagem somente brinca, como geralmente o faz, toma partido nas questões nacionais mas não promove sua própria mudança. Ou seja, na obra há uma clara evidência da posição de Herculano com relação às escolhas políticas, posição esta em xeque posteriormente, com os eventos decorrentes da Primavera dos Povos.

Mesmo de maneira conservadora, Herculano delineia uma topografia social no evento do castelo de Guimarães sem deixar de discursar sobre as transformações da história nacional a partir da figura de seu personagem central. Longe de ter mera intenção documental, a narrativa expõe e questiona os destinos individuais e coletivos na possibilidade de uma ficção histórica. Assim, na compreensão do presente a partir do passado, o romance *O bobo* é capaz de questionar as diferentes visões de história pelos estratos e tornar o direcionamento do futuro uma possibilidade.

Referências bibliográficas

ABDALA JR., Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. "Epos e romance". In: *Questões de literatura e de estética*. Traduzido por Aurora Fornoni Bernardini et al. 2ª. ed. São Paulo: EdUNESP/Hucitec, 1990.

_____. *Teoria do romance I*: a estilística. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015.

EAGLETON, Terry. *Literary theory*: an introduction. 2nd. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

HERCULANO, Alexandre. *O bobo*. Introdução por Ernesto Rodrigues. Lisboa: Verbo, 2005.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Traduzido por Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.

PROENÇA, Maria Cândida. *Uma história concisa de Portugal*. Lisboa: Círculo de leitores, 2015.